

EJA: PERSPECTIVAS DE MUDANÇA PARA ALUNOS INDÍGENAS *GUARANI MBYA*

Norma Maria Jacinto da Silva¹

Resumo: Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o futuro dos alunos indígenas Guarani Mbya da aldeia Sapukai quanto à finalidade da aquisição dos saberes adquiridos durante a EJA Guarani e as perspectivas de mudança para esses alunos. Para realizarmos essa abordagem, dividiremos o artigo em cinco partes: Cultura Guarani; EJA/EJA Guarani em Sapukai; O currículo na EJA Guarani em Sapukai; EJA Guarani e seus benefícios; Resultados necessários à aldeia. Buscaremos embasamento em Walter Benjamin (1985), José Gimeno Sacristan (2000), Oscar Calavia Sáez (2005), Egon Shaden (1962), Lei 9.394/96 e outros.

Palavras-chave: Sapukai. Indígenas. EJA Guarani. Mudanças. Resultados.

Abstract: In this article, we propose a reflection on the future of the students indigenous Mbya Guarani village Sapukai as to the purpose of the acquisition of knowledge acquired during the EJA Guarani and the changing outlook for these students. To realize this approach, divide the article into five parts: Guarani Culture; EJA / EJA Guarani in Sapukai; The curriculum in adult education in Guarani Sapukai; EJA Guarani and its benefits; Necessary for the village results. We seek grounding in Walter Benjamin (1985), Jose Gimeno Sacristan (2000), Oscar Calavia Sáez (2005), Egon Shaden (1962), Law 9.394 / 96 and others.

Keywords: Sapukai. Indigenous. EJA Guarani. Changes. Results.

Introdução

A cultura Guarani é muito rica como todas as outras culturas; por isso, precisa ser preservada. Durante séculos, temos percebido, através dos registros históricos, que muitas culturas foram aniquiladas, outras sofreram tantas mudanças que já perderam sua identidade. A partir da leitura de alguns livros sobre a cultura indígena e de uma breve convivência com os indígenas das aldeias Itaxin e Sapukai, uma pergunta tem-nos inquietado: ao terminar a EJA,

¹ Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Americana; Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas: Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa) pela UFRJ; Especialista em Língua Portuguesa pela FEUC, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas pela UFRJ. Professora na SEE/RJ, FEUC e FAMA; participação na elaboração de provas (Saerjinho) pela SEE/CAED; Bolsista (Coordenadora) pela CAPES.

existem perspectivas a nível educacional e/ou profissional ao grupo de alunos indígenas Guarani Mbya dessas aldeias?

Propomos uma reflexão sobre o futuro dos discentes indígenas Guarani Mbya da aldeia Sapukai quanto à finalidade da aquisição dos saberes adquiridos durante a EJA Guarani e as perspectivas de mudança para esses alunos, pois percebemos, em visitas à aldeia, um entusiasmo por parte desses jovens Guarani.

Refletir sobre o futuro dos alunos indígenas da EJA Guarani justifica-se, pois faz-se necessário, uma vez que esses alunos precisam aplicar os saberes já assimilados e contextualizados à sua cultura em suas aldeias como também darem continuidade aos estudos.

Para tratarmos desse assunto, dividiremos o artigo em cinco partes: Cultura Guarani; EJA/EJA Guarani em Sapukai; O currículo na EJA Guarani em Sapukai; EJA Guarani e seus benefícios; Resultados necessários à aldeia. Buscaremos embasamento em Walter Benjamin (1985), José Gimeno Sacristan (2000), Oscar Calavia Sáez (2005), Egon Shaden (1962), Lei 9.394/96 e outros.

Propomos um olhar conciliador sobre as transformações ocorridas na cultura do povo Guarani, partindo do pressuposto que a EJA Guarani pode conscientizar esses jovens da aldeia Sapukai de que mudanças são inevitáveis, pois muitas já ocorreram; contudo, essas mudanças precisam estar contextualizadas com a vivência cultural dos Guarani de toda a aldeia. Assim sendo, valerá a pena a colaboração dos não indígenas ao apresentarem formas que poderão entrelaçar tradição (danças, vestimentas, pinturas, artesanatos etc) e modernidade (computador, celular etc).

1 Cultura Guarani

Antes de discorrermos sobre a cultura guarani, vejamos o que representa a cultura de um povo segundo Rogel Samuel (1996, p. 7): “A cultura de um povo são suas realizações, em diversos sentidos, como as ciências e as artes. É um conjunto socialmente herdado, que de certo modo determina a vida dos indivíduos”.

Iniciaremos este artigo com um breve histórico da cultura dos povos Guarani Mbya das aldeias Itaxin, em Parati Mirim e Sapukai, em Bracuí, por entendermos que, através da cultura, conhecemos as características e realizações peculiares de um povo. Vejamos:

A partir de 2012, temos realizado algumas visitas e feito anotações sobre a vida do povo Guarani, também temos compartilhado experiências através dos grupos de estudos realizados aos sábados no IEAR e, através de conversa informal em reuniões realizadas nas aldeias de Itaxin e Sapukai, registrado relatos de alguns amigos que passaram temporadas nessas al-

deias. Assim, podemos afirmar que os Guarani procuram viver os ensinamentos de seus antepassados, no modo de caçar, pescar, plantar; enfim, o modo que devem viver em grupo, ou seja, *nhandereko*, modo de vida guarani.

Em relação às atividades diárias, há atribuições específicas para homens e mulheres, como, por exemplo, é incumbência masculina ir à mata, pegar a caça e trazê-la à aldeia, e é tarefa da esposa preparar a caça que deve ser bem cozida, assada ou frita. Contudo, não deve haver desperdício, o homem só mata aquilo que pode comer.

Compartilhamos algumas informações de Rafael Fernandes Mendes Júnior que relata, em sua Dissertação de Mestrado/UFF (2009), que a caça é feita no período do inverno (*iroy ara* ou *ara yma*), pois consideram um período bom para caça, uma vez que os animais estão gordos. No verão (*ara pyau*), não é um período apropriado, pois os animais estão magros ou em período de reprodução. Egon Schaden (1962, p. 83) corrobora, dizendo que “tudo que se refere a caça é assunto do marido, ao passo que a lavoura se divide em atividades masculinas e femininas”, como veremos a seguir.

Na lavoura, cultivam o milho (*avaxi*), a mandioca (*mandio*), a batata-doce (*jety*) e o feijão (*kumanda*). Nessas atribuições, o homem planta e a mulher colhe. Na confecção do artesanato, também ocorrem atividades específicas para cada um; por exemplo, é o marido que vai à mata pegar a matéria-prima, como o cipó Imbé (*vembepi*), a Embira vermelha (*pytã*) ou branca (*xi*), a Embaúba, utilizada na confecção de pau-de-chuva, espécie de taquara fina (*takua'i*), a Espinheira santa (*nhandyta*) e a Caixeta, madeira utilizada na escultura de animais; e a esposa tem como atribuição receber esse material e confeccionar cestos, cordões, pulseiras, brincos etc.

Na aldeia Itaxin, em Parati Mirim, presenciamos que, na comercialização desses produtos, as mulheres vão ao centro da cidade vendê-los, e os homens circulam pela cidade em ir e vir constantes. À noitinha, eles as acompanham no retorno à casa. Exemplificando esse ato de sair da aldeia para vender seu artesanato na cidade; em Sapukai, demos carona a uma índia com seus quatro filhos pequenos, inclusive um de colo. Seu filho mais velho, com apenas oito anos, tinha a responsabilidade de carregar vários cestos e outros produtos. Perguntamos como ela faria para voltar, respondeu-nos que seu marido iria buscá-los à noite.

Quanto à religiosidade, os Guarani, além de trazerem consigo a cultura de seus ancestrais; no presente, estão sempre preocupados com a vontade de Nhanderu e em busca da terra sem mal. Assim sendo, os mais velhos são os guardiães da sabedoria de seu povo e são os

responsáveis por passar aos mais jovens o valor de sua cultura, inclusive seus cantos sagrados, suas danças e o ritual realizado na *opy* (casa de reza).

No vídeo Tupã Rembiapó (2011), o cacique da aldeia Itaxin, em Parati Mirim, fala sobre a cultura de seu povo, expondo as necessidades do povo Guarani nos dias hodiernos. Diz que os cestos produzidos antigamente eram para uso próprio; agora, fazem para vender. Embora tenham dificuldades, o cacique afirma que seu povo é alegre, pois confia em Nhanderu que é o único que pode trazer a paz.

Ainda abordando a cultura do povo Guarani, cada membro dessa comunidade tem suas atribuições durante o dia. Como já foi abordado anteriormente, os homens caçam, pescam, plantam e retiram da mata a matéria-prima para o artesanato; as mulheres cuidam da alimentação, da casa, da criação dos filhos, da colheita e produzem o artesanato; e as crianças brincam livremente, aprendendo tudo que está ao seu redor. A floresta é seu lar. A maioria das casas é construída de argila, bambu e palha. Seus utensílios são feitos de argila e seu artesanato é feito de material tirado da própria natureza que os abriga.

Os indígenas que moram próximos à cidade já sentem bem de perto as influências deixadas ao longo dos anos na vida de seu povo. A cidade, aos poucos, vai adentrando as aldeias indígenas. Percebemos claramente estas influências como na construção de suas casas, pois algumas são de alvenaria, nas suas vestimentas, na presença dos aparelhos de celular nas mãos dos(as) mais jovens, na sua alimentação, como a presença dos sacolés na hora do lanche etc.

O homem Guarani que tinha como atribuição caçar e levar essa caça para matar a fome de sua família; agora, vê-se obrigado a tirar madeira da mata para fazer artesanato como réplicas de onça, tamanduá e outros animais para vender nas cidades; assim, ganhando algum dinheiro para comprar comida e alimentar seu grupo. As mulheres da mesma forma, fazem cestas de palha, colares, brincos e vendem na cidade.

Para algumas tribos, já há demarcação em suas terras. Os indígenas Guarani estão confinados, como eles mesmos dizem, estão cercados a um pequeno pedaço de terra. Colocam suas armadilhas, mas não têm o tatu ou outro animal para cair nela. Na maioria das vezes, próximas as suas terras, há fazendas com rebanho de gado, com plantações de cana de açúcar e trabalhadores que provocam queimadas nas palhas da cana, afugentando os animais. Assim, a cultura Guarani não mudou porque eles ainda ensinam seus filhos a caçarem. O que mudou é a falta de animais nas matas, por isso, eles precisam se reinventar para não morrerem de fome.

Dessa forma, percebemos que a cultura Guarani não mudou, conquanto venha sofrendo alterações ao longo dos anos. Os aborígenes, aos poucos, vão se adaptando a nova realidade ou mudam de local, a procura de uma terra sem o mal que o homem branco (*jurua*) pode causar.

Mesmo que quiséssemos ser sucintos e objetivos, não poderíamos deixar de citar alguns costumes da cultura Guarani, visto que, no próximo tópico, abordaremos o entrelaçamento dessa cultura ao ensino-aprendizagem na EJA Guarani.

2 EJA / EJA Guarani em Sapukai

A EJA é um curso voltado para a educação de jovens e adultos, tendo como foco principal levar determinados saberes a um grupo de alunos específicos. Assim, beneficiando aqueles que, por algum motivo, não puderam frequentar à escola em momento oportuno. Sabemos que desde muito antes já havia uma preocupação em atender a esse público específico através do MOBREAL² e do Supletivo.

Vejamos: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) estabeleceu, no Artigo 37, no capítulo II, na seção V, que a “Educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Esse artigo tem como objetivo a inclusão social e a melhoria na qualidade de vida pessoal e profissional do educando.

Na EJA Guarani, os educadores vêm trazer aos indígenas jovens e adultos uma interação com saberes ligados à cultura do homem branco (*jurua*). Contudo, esses saberes são imediatamente contextualizados ao modo de viver Guarani através de um discurso próprio desse povo indígena que sabe como entrelaçar e, ao mesmo tempo, diferenciar na sua cultura.

A EJA faz-se presente em todo Brasil. No Rio de Janeiro, as aldeias *Itatin* em Parati Mirim, *Rio Pequeno*, *Araponga* e *Mamanguá* em Parati, *Sapukai* em Angra dos Reis e *Tekoa Mbo'yty* em Camboinhas (Niterói) possuem essa modalidade de ensino que traz aos indígenas novas perspectivas. Por ser uma educação inclusiva, deve promover melhores condições de vida, de trabalho e devem fazê-los respeitados diante da sociedade.

Neste artigo, abordaremos o ensino da EJA Guarani na aldeia Sapukai por conhecermos mais de perto o cotidiano desse povo que é amável, mas muito desconfiado. Ou seja, sa-

² MOBREAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização.

bendo que os *jurua* (branco) do passado prejudicaram muito seu modo de viver, hoje, são cautelosos com os que se aproximam e não é nada fácil desfrutar de sua confiança.

Por isso, quando os *jurua* se aproximam, os Guarani observam seu discurso, sua forma de narrar, como já dissera Walter Benjamin (1986, p. 201) que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”; dessa forma, os indígenas percebem, através da narrativa dos *jurua*, se existe veracidade naquilo que dizem. Se o que propõem é bom para comunidade.

3 O currículo na EJA Guarani em Sapukai

Ao estruturar o currículo, sabemos que este não é neutro e sim ligado a qualquer carga de poder, ou seja, há o ensejo de veicular ideologia, filosofia e intencionalidade educacional daquele que o organiza, portando-se como um instrumento controlador. Assim sendo, a comunidade indígena precisa, através dos seus conselheiros, interagir com os organizadores para que realmente o currículo atenda às necessidades dos Guarani e contextualize o modo de viver dos aborígenes. Segundo Josemar Martins,

Contextualizar, portanto, é esta operação mais complicada de descolonização. Será sempre tecer o movimento de uma rede que concentre o esforço em soerguer as questões “locais” e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial, ao *status* de “questões pertinentes” não por serem elas “locais” ou “marginais”, mas por serem elas “pertinentes” e por representarem a devolução da “voz” aos que a tiveram usurpada, roubada, negada historicamente. (MARTINS, 2004, p. 31)

Portanto, os modelos e propostas devem ser o espelho da comunidade que fará parte desse currículo. José Gimeno Sacristán (2000) coloca que o currículo não pode ser engessado, muito menos ditatorial.

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explícita do projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. O currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele... (SACRISTÁN, 2000, p. 15 – 16) (Grifo nosso)

É através do diálogo que os conteúdos das disciplinas na EJA Guarani em Sapukai são organizados, pois só dessa forma haverá uma educação diferenciada, assegurada por Lei. Vejamos o que diz o Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação:

O direito assegurado às sociedades indígenas, no Brasil, a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngüe, a partir da Constituição de 1988, vem sendo regulamentado por meio de vários textos legais, a começar pelo Decreto 26/91, que retirou a incumbência exclusiva do órgão indigenista (Funai) de conduzir

processos de educação escolar nas sociedades indígenas, atribuindo ao MEC a coordenação das ações, e sua execução aos estados e municípios. A Portaria Ministerial nº 559/91 aponta a mudança de paradigmas na concepção da educação escolar destinada às comunidades indígenas, quando a educação deixa de ter o caráter integracionista preconizado pelo Estatuto do Índio (Lei nº 6.001/73) e assume o princípio do reconhecimento da diversidade sociocultural e lingüística do país e do direito a sua manutenção.

Assim, a educação indígena diferenciada justifica-se no momento em que esta comunidade participa diretamente na construção do processo ensino-aprendizagem, oportunizando aos mais velhos e aos mais novos participarem dessa construção, procurando sempre ressaltar fatores culturais peculiares aos Guarani.

4 EJA Guarani e seus benefícios

Em uma reunião na aldeia em Sapukai no mês de setembro de 2014, os professores coordenadores juntos com os professores que lecionam aos Guarani, os alunos indígenas da EJA e alguns pesquisadores convidados acompanhavam a filmagem organizada e dirigida pelo prof. Domingos Nobre que estruturou, junto com os alunos indígenas, um vídeo curtemetragem em que a cultura indígena Guarani era o destaque.

Percebemos os benefícios que a EJA vem promovendo no meio desse grupo indígena, que realmente participa de uma educação diferenciada, pois o currículo é organizado com a comunidade indígena e eles são os verdadeiros agentes desse processo.

Claro que isso não foi tão fácil como parece. A comunidade indígena, através de muito esforço e determinação, conseguiu ver esse direito assegurado. Verificamos que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, artigo 210 cita que

Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§2. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei 9.394/96) consta que a Educação indígena deve receber do Estado o direito de uma educação bilíngue, específica e diferenciada, obtendo currículos específicos e diferenciados, ensino de português como segunda língua e o guarani como língua primeira. Contudo, esses direitos foram conquistados no papel; agora, outro desafio foi fazê-lo cumprir na prática.

Nessa reunião, observamos o quanto uma educação diferenciada pode, realmente, fazer a diferença, pois presenciamos um grupo de indígenas seguro, comandando as filmadoras e todo processo de filmagem, desde a seleção de imagens às entrevistas aos mais velhos da aldeia, como também a organização do vídeo, sem deixar transparecer algum incômodo com nossa presença. Todo esse processo de ensino-aprendizagem trouxe-nos a sensação do dever cumprido pelos professores da EJA Guarani e por todo grupo que faz parte desse processo.

Processo este que foi desenvolvido aos poucos junto à comunidade indígena, pensando não em um currículo tradicional que venha, de forma metódica/técnica, abordar

a aquisição do conhecimento, informação e atividade de estudo e a capacidade do ser humano de constituir e ampliar conceitos. [fazendo] uma abordagem sobre a questão de tempo da aprendizagem, apontando que a construção e o desenvolvimento dos conceitos se realizam progressivamente e de forma recorrente. (FERNANDES, 2008, p. 10)

Todavia, percebemos que a aquisição de conhecimentos na EJA Guarani tem dinamicidade e é oferecido à comunidade indígena um currículo que vem dar autonomia aos seus protagonistas e que pode trazer benefícios à comunidade indígena como um todo, pois, dessa forma, esses jovens indígenas podem levar para sua comunidade o fortalecimento de sua cultura como também a experiência de conhecer a cultura dos *juruá*.

Sendo assim, em um futuro bem próximo, imaginamos uma EJA Guarani em que diretores e professores sejam indígenas e tenham autonomia dada pelo Estado para estruturar o currículo e seus projetos, visando a uma melhoria para a própria aldeia e demais membros dessa comunidade.

5 Resultados necessários à aldeia

A partir do momento em que a cultura Guarani é valorizada e seus membros são preparados a ocuparem lugar de destaque na sociedade brasileira, os resultados esperados são alcançados. Contudo, como valorizar a cultura? Como capacitar os jovens? Como contemplar resultados concretos à aldeia?

Em relação à valorização da cultura Guarani, já demos os primeiros passos com uma educação diferenciada. Através da educação bilíngue, a identidade dessa etnia é valorizada, trazendo, dessa forma, autoafirmação ao grupo dentro da sociedade brasileira.

Quanto à capacitação, sabemos que o jovem do presente será a liderança de um futuro próximo; portanto, todas as esferas Federal, Estadual e Municipal deveriam investir nesse jovem indígena. De acordo com Oscar Calavia Sáez, o indígena precisa,

Talvez, mais do que encontrar história lá onde alguém supôs que ela não existisse, no estudo da história indígena é importante reencontrar, na invenção do sujeito, na variação mítica, na mimese de outros relatos, os traços vivos originais da prática da história... (SÁEZ, 2005, p. 49 – 50)

Perguntamo-nos como reencontrar os traços históricos vivenciais na invenção do sujeito?

Acreditamos que a tecnologia poderá ser o instrumento que trará esse reencontro, fortalecendo os traços culturais dos Guarani. Presenciamos os alunos da EJA Guarani de Sapukai registrando momentos vividos na aldeia através das filmadoras, do computador, dos aparelhos de celular e de outros meios, que já fazem parte da vida desse povo. Então, o que fazer para melhor capacitar esse indígena, sem que isso venha ameaçar sua cultura, seu modo de viver Guarani?

A Lei 11.645/2008 veio ratificar a Lei 10.639/03 e inserir a obrigatoriedade da cultura indígena no currículo escolar. Isso já foi uma conquista, pois a história começa a ser propagada e articulada nas escolas municipais (ensino fundamental), estaduais (ensino médio) e federais (licenciatura em Letras). Mas, qual história? Aquelas que estão nos livros didáticos e que foram escritos por não indígena?

Entendemos que o indígena, por muito tempo, foi agente passivo desse processo histórico; agora, as três esferas citadas anteriormente devem torná-lo sujeito ativo, aquele que reescreve sua própria história. Ou seja, através de cursos de capacitação profissional/aperfeiçoamento educacional e após a conclusão do curso da EJA, organizar a divulgação de materiais didáticos produzidos pelos próprios aborígenes, tornando-os agentes do processo ensino-aprendizagem, conforme coloca o escritor indígena Gersem José dos Santos Luciano (Baniwa) nascido na aldeia Yaquirana, no Alto Rio Negro, Amazonas, Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB):

Queremos interferir nessa realidade transformando-a, propondo questões para reflexão que tangenciem a educação, tais como: de que modo reverteremos a histórica subordinação da diversidade cultural ao projeto de homogeneização que imperou – ou impera – nas políticas públicas, o qual teve na escola o espaço para consolidação e disseminação de explicações encobridoras da complexidade de que se constitui nossa sociedade? Como convencer os atores sociais de que a invisibilidade dessa diversidade é geradora de desigualdades sociais? Como promover cidadanias afirmadoras de suas identidades, compatíveis com a atual construção da cidadania brasileira, em um mundo tensionado entre pluralidade e universalidade, entre o local e o global? Como transformar a pluralidade social presente no microespaço da sala de aula em estímulo para rearranjos pedagógicos, curriculares e organizacionais que compreendam a tensão gerada na sua positividade, a fim de ampliar e tornar mais complexo o diálogo entre realidades, perspectivas, concepções e projetos originados da produção da diversidade sociocultural? Como superar a invisibilidade institucionalizada das diferenças culturais que valida avaliações sobre desempenho escolar de

crianças, jovens e adultos sem considerar as suas realidades e pertencimentos sociais? (LUCIANO, 2006, p. 9 – 10)

Através da escolarização, são os indígenas que, como Gersem³, podem lutar com as mesmas armas dos *juruá* para tornar a vida de seu povo menos árdua. Assim, os alunos da EJA Guarani podem usufruir dessa mesma posição de destaque na sociedade onde se encontra o Doutor Gersem que teve a oportunidade de estudar e o apoio dos órgãos públicos.

Portanto, quando respeitamos sua forma de ver o mundo e entendemos que “as necessidades decorrentes da situação de contato regular impõem novas atividades, novos esquemas de organização e novos papéis sociais...” (ARRUDA, 2001, p. 55), oportunizamos ao indígena novas possibilidades de conquista pessoal, profissional e coletiva para ele, seu *joapygua* e sua aldeia como um todo.

Considerações finais

Conhecer e vivenciar um pouco da cultura Guarani fez-nos sentir os elementos da natureza de uma maneira mais revigorante. Contudo, percebemos que, ao longo dos anos, a cultura Guarani vem passando por transformações inerentes à vontade desse povo. Algumas mudanças são avassaladoras, pois dirime traços culturais, outras são benéficas, porque entrelaça harmoniosamente a tradição e a modernidade.

A EJA Guarani trouxe saberes da cultura *juruá*, ensinando-os a separar e a preservar o modo de viver Guarani (*nhandereko*), além de trazer orientações pedagógicas que incentivaram esses jovens a almejar novas perspectivas para sua vida, do *joapygua* e da aldeia como um todo.

Em relação às oportunidades de melhorias à comunidade indígena, não imaginamos os jovens e adultos da aldeia Sapukai sem a EJA. Então, por que a EJA é tão importante para esses jovens e adultos? Porque a EJA, sendo a educação de jovens e adultos, interage saberes da cultura dos não indígenas à cultura Guarani, trazendo reflexões sobre o papel do indígena nesta localidade, além da inclusão social e preservação de suas origens.

Quanto ao currículo, a liderança indígena da aldeia Sapukai conquistou alguns espaços, obtendo amíúde autonomia junto à equipe pedagógica na estruturação do currículo. Assim, a liderança participa diretamente na construção do processo ensino-aprendizagem, oport-

³ Gersem dos Santos Luciano, índio Baniwa, nasceu na aldeia Yaquirana (Amazonas). Terminou o ensino Fundamental com o apoio dos missionários salesianos. Graduou-se em Filosofia na Universidade Federal do Amazonas. Ingressou no Mestrado na Universidade de Brasília através de uma bolsa de estudos pelo Programa de Bolsas da Fundação Ford, concluindo o curso em 2006, na área de Antropologia Social do Brasil. Logo a seguir, iniciou o Doutorado em Antropologia Social na Universidade de Brasília.

tunizando tanto aos mais jovens como também aos mais velhos a participarem mais ativamente desse processo, quando procuram ressaltar fatores culturais peculiares aos Guarani.

Esperamos que, em um futuro próximo, tenhamos uma equipe pedagógica indígena Guarani e que esta esteja capacitada para desempenhar funções específicas dentro das estruturas educacionais em nosso país, levando, através dos conhecimentos adquiridos, inclusão social ao seu povo.

Ao finalizar este artigo, esperamos deixar algumas inquietações que servirão para nossa meditação futura e, quiçá, propostas para novos artigos, tais como: temos respeitado a opinião do indígena ou procuramos fazer o que achamos que é o melhor para eles? Oportunizamos, realmente, ao indígena novas possibilidades de conquista pessoal, profissional e coletiva para ele, seu *joapygua* e sua aldeia como um todo ou, como no passado, manipulamos suas decisões, tornando-as improfícuas?

Para refletir: quando respeitamos sua forma de ver o mundo, entendemos o que é ser indígena Guarani Mbya.

Referências bibliográficas:

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. *Imagens do Índio: Signos da Intolerância*. In: GRUPIONI, Luís Donizete; VIDAL, Lux & FISCHMANN, Roseli.(Org.) *Povos Indígenas e Tolerância. Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade*. São Paulo: Edusp/UNESCO. 2001.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL, MEC. CNE. *Parecer nº 14/99* de 14 de setembro de 1999.

_____, MEC. CNE. *Resolução nº 3/99* de 17 de novembro de 1999.

_____, MEC. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF 1998.

_____, Lei nº 9394 *LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* de 20 de dezembro de 1996.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. (Org.) *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LUCIANO, Gersem dos Santos (Baniwa). *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006.

MARTINS, Josemar, Anotações em torno do conceito de Educação para Convivência com o Semi-Árido. In: *Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas*. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2004.

Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. (Trad. Ernani F. da F. Rosa). Porto Alegre: Artmed, 2000

SÁEZ, Oscar Calavia. *A Terceira Margem da História: Estrutura e Relato das Sociedades Indígenas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 20. Nº 57 fevereiro de 2005.

SAMUEL. Rogel. *Manual de teoria literária*. 8. Ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difel, 1962.

Vídeo Tupã Rembiapó, documentário lançado no 14º Ymaguaré (2011).

<http://racismoambiental.net.br/2013/06/gersem-baniwa-faz-conferencia-segunda-feira-1o-de-julho-na-unb-planaltina>